



INTRODUÇÃO

Isabela Schincariol Domingos, no artigo do portal Fio Cruz Campos Virtual intitulado “Alta incidência de dengue, zika e chikungunya no Brasil”, sugere que o aumento dos casos de dengue pode estar ligado à diminuição das medidas de controle da doença durante a pandemia de Covid-19. Isso, combinado com condições climáticas vantajosas, como chuva e calor abundantes, bem como condições de vida vulneráveis em áreas urbanas empobrecidas, pode ter contribuído para a propagação da doença (DOMINGUES, 2022).

Acredita-se que o sistema de vigilância da dengue tenha ficado muito comprometido nos últimos três anos devido às limitações nas medidas de controle do mosquito causadas pela pandemia (DOMINGUES, 2022). O período interrompeu as inspeções domiciliares regulares por profissionais de saúde em todo o país. Além disso, a equipe de fiscalização do município esteve bastante errática nesse período e praticamente cansada de todas as demandas.

Diante desse fato, o trabalho visa mostrar que, apesar da pandemia, os casos de dengue continuam ocorrendo. Nesse contexto, os objetivos foram traçar o perfil epidemiológico da dengue e analisar a ocorrência de casos de dengue entre as microrregiões de Ubá e Muriaé durante a pandemia e após a pandemia da Covid-19.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal, de caráter quantitativo, através da coleta e análise de dados secundários, dos pacientes notificados para dengue de 2020 a 2022, entre a microrregião de saúde de Ubá e Muriaé, localizadas na Zona da Mata de Minas Gerais. Desta forma, serão consideradas as variáveis, como caso confirmado, tipo de resultado, sexo, raça, cor, cidade de residência e conclusão do caso notificado. Para realização da análise de dados com base na estratificação dos dados apresentados no TABNET e TABWIN.

RESULTADOS

Podemos verificar que, para os anos 2020, 2021 e 2022, nas microrregiões de Ubá e Muriaé, os casos de dengue sofreram alterações no padrão de notificação. O município de Ubá, no ano de 2020, notificou 5153 casos; em 2021, notificou 896; e em 2022, chegou a 709 casos; enquanto Muriaé, em 2020, notificou 220 casos; em 2021, chegou a 768; e em 2022, atingiu 525 casos.

Casos Notificados

Ano da Notificação	Microrregiões de saúde	
	Ubá	Muriaé
2020	5153	220
2021	896	768
2022	709	525
Total	6758	1513

Fonte: TABWIN NET, 2023.

SEXO	Muriaé		Ubá	
Feminino	833	55,42%	3628	53,68%
RAÇA/COR	Muriaé		Ubá	
Branca	785	51,88%	3122	46,17%
Preta/parda	651	43,02%	3156	46,67%
ESCOLARIDADE	Muriaé		Ubá	
Ign/Branco	1.008	66,62%	2.106	31,17%
Ensino médio incompleto	56	3,70%	643	9,51%
Ensino médio completo	156	10,31%	1251	18,51%
EVOLUÇÃO DOS PACIENTES	Muriaé		Ubá	
Ign/Branco	446	29,47%	749	11,08%
Cura	1.066	70,45%	5989	88,62%
CRITÉRIOS UTILIZADOS PARA ANÁLISE	Muriaé		Ubá	
Ign/Branco	396	26,17%	322	4,98%
Laboratorial	718	47,45%	2414	37,37%

Fonte: TABWIN NET, 2023.

DISCUSSÃO

De acordo com os gráficos acima expostos, no primeiro ano de estudo, em 2020, ocorreu um alto índice de casos, e os contaminados foram analisados separadamente por sexo, raça, escolaridade, evolução e critérios. Pelo fato de 2020 ser o período em que houve o maior número de casos, foi necessária uma intervenção rápida da saúde, na intenção de conter a proliferação do vírus, bem como o aumento dos casos. Desse modo, o controle da proliferação do *Aedes Aegypti* foi trabalhado, de maneira descentralizada, pelo poder público e pela sociedade (RANGEL, 2008). Os mecanismos criados em 2021 surtiram efeitos, no sentido de ocorrer uma queda significativa, referente aos casos confirmados.

O impacto da COVID-19 no sistema público de saúde é evidente, com alta demanda de internações esgotando o estoque de leitos de terapia intensiva e ventiladores em algumas partes do país. COVID-19 e dengue compartilham semelhanças clínicas e laboratoriais. Yan et al. (2020) observaram que pacientes infectados pelo SARS-CoV-2 e diagnosticados com dengue evoluíram para um quadro clínico mais grave por meio da detecção rápida, retardando o tratamento eficaz. Diagnósticos falsos positivos e métodos laboratoriais menos sensíveis não apenas criam complicações para a saúde dos pacientes, mas também facilitam a disseminação do COVID-19 e sobrecarregam o sistema público de saúde.

REFERENCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Guia de Vigilância em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

DOMINGUES, Isabela Schincariol. Brasil tem alta de casos de dengue, zika e Chikungunya. Fiocruz Campus Virtual. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://campusvirtual.fiocruz.br/portal/?q=content/64987>. Acesso em: 08 mar. 2023.

RANGEL, S. M. L. Dengue: educação, comunicação e mobilização na perspectiva do controle - propostas inovadoras. Interface. Botucatu, v. 12, n. 25, p. 433-441, jun, 2008

YAN, G. et al. Covert COVID-19 and false-positive dengue serology in Singapore. Lancet Infect Dis, v.20, n.5, p.536, 2020. Acesso em: 23/SET/2023